

REVISTA PORTUGUESA de HISTÓRIA

tomo XXXIII

Portugal e Brasil
Rotas de Culturas
Volume I



COIMBRA 1999

FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

O império da historia

JOSÉ JOBSON DE ANDRADE ARRUDA
Universidade de São Paulo

Braudel foi o maior historiador do século XX. *As Mélanges en L'honneur de F Braudel* (Privat, 1973) e as *Journées Fernand Braudel* de Châteauevallon (Outubro de 1985) confirmam sua entronização no panteão dos historiadores ainda em vida. A partir de 1949, data da publicação de sua tese *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico*, no decurso de uma geração, ditou as regras da história, dirigindo os trabalhos da quase totalidade dos historiadores franceses. Acorado na revista *Annales* e na VI seção da *École Pratique des Hautes Études*, instrumentos institucionais de sua afirmação, direcionou as pesquisas, escolheu os pesquisadores, alocou-os em postos universitários, entricheirou-se nas casas editoriais e agências de financiamento, derreou a velha história positivista de Langlois e Seignobos e instalou o poder da nova história, aberta ao diálogo com as demais ciências sociais “repensada e elaborada por nós, mas capaz de transpor as nossas fronteiras; uma história consciente das suas tarefas e responsabilidades, e também desejosa... de por termo às formas antigas, ainda que nem sempre com total justiça”.

O combate pelas novas idéias era sem tréguas, resguardado por um exército de historiadores militantes, Braudel propunha-se a defender a necessária unidade das ciências do homem contra a ameaça permanente de fragmentação do conhecimento. Não sem resistências, que turvaram o horizonte de sua hegemonia intelectual ao longo dos anos 70.

Assim como 1949, 1979 também é uma data emblemática. É data de publicação dos três volumes de *Civilização Material e Capitalismo* na França. O primeiro volume já fora publicado em 1967, na colecção *Destins du Monde*, fundada por Lucien Fèbvre, que solicitara a Braudel um balanço sobre a produção da história económica relativa à Época Moderna. Portanto, depois de sua tese seminal, fruto de longos anos de pesquisa que se estenderam de 1923 a 1939, quando a arquitectura do trabalho e a redacção preliminar estavam aprestadas (mas somente finalizadas durante os cinco anos em que esteve preso em campo de concentração na Alemanha), passaram-se 40 anos. A grande síntese exigiu a reelaboração do primeiro volume e a redacção de dois outros, publicados em conjunto em 1979 e que somente agora é, finalmente, traduzido e publicado entre nós. Nesse ínterim, entre os anos de 1979 e 1981, Braudel encontrou tempo e disposição para brindar a sua segunda paixão, a França, homenageando-a com os três volumes de *L'identité de la France*, publicados *post-mortem*, em 1986, pela Arthaud-Flammarion.

O Mediterrâneo, a França e o Capitalismo, são três de suas finalidades eletivas. Através do movimento histórico do capitalismo, nessa obra, Braudel sintoniza a história do mundo. Trata-se do mesmo Braudel? Aquele do Mediterrâneo e este da Civilização Material e Capitalismo? A contemporaneidade, por ele considerada como a motivação secreta da história, não o teria afetado? Sua arquitetura interpretativa conservava-se intacta? Que nuances teria adquirido por força do movimento da história presente e da produção historiográfica que, por sua própria indução e estímulo, se havia produzido? Estes questionamentos põem

em evidência a indispensabilidade da comparação entre *O Mediterrâneo* e *Civilização Material*, especialmente no que tange ao posicionamento teórico, se quisermos entender a trajetória intelectual de Braudel. O primeiro foi um livro de pesquisa, o segundo de síntese. Christopher Hili, em *History and Theory* (n.º2, 1969), lamenta que o livro seja “unfortunately undocumented”. Discordamos. Trata-se de urna vasta síntese ancorada em textos sustentados por pesquisas originais, a maioria das quais realizada por seus discípulos a partir de suas sugestões. A todos eles, o autor paga tributo no prefácio da 2a. edição de *O Mediterrâneo*, de 1963, onde relaciona mais de uma trintena de historiadores de primeira linhagem sobre cujos trabalhos se apoiou. Esta conduta foi amplificada ao limite na escrita de *Civilização Material*, considerando-se a extensão temporal e a abrangência do tema.

Já em 1976, no prefácio da 3a. edição de *O Mediterrâneo*, Braudel se reconhece modificado, afirmando que a sua visão da sociedade, da economia ou do Estado, já não era exactamente a mesma, remetendo o leitor para os três volumes de *Civilisation matérielle et capitalisme* “recentemente publicado” (de facto, somente o primeiro volume estava publicado). Qual era o continente de *O Mediterrâneo* em relação à *Civilização Material*? Se havia diferenças, onde se localizavam? Se ocorreram, porque assim foi?

Em *O Mediterrâneo* Braudel propunha uma história em planos sobrepostos, na qual distinguam-se, nitidamente, três tempos: o tempo geográfico, o social e o individual. No primeiro plano, desenrolava-se uma história *quase imóvel*, que privilegiava o homem e o entorno natural, presa das transformações lentas e do eterno recomeçar. Sobre ele Braudel diz que “não quis desprezar essa história, quase fora do tempo, de relação com as coisas inanimadas”. No segundo plano, instala-se a história definida por um *ritmo lento*, a história das economias, das sociedades, dos Estados, das civilizações. No terceiro plano, da história

tradicional, o *tempo se acelera*, as oscilações são rápidas, breves, nervosas. Têm a dimensão das cóleras, dos sonhos e das ilusões dos seus coevos. São as espumas flutuantes ao sabor das vagas poderosas das marés. É o domínio da desrazão, das paixões desenfreadas, imune à análise serena, cujo sortilégio conjura-se ao talante das correntes profundas, silenciosas e tão somente perceptíveis no crivo da longa duração.

O itinerário do historiador poderia inverter a ordem dos tempos. Partir do tempo curto da política para encontrar os ritmos mais lentos dos tempos médios e a quase imobilidade da longuíssima duração. Somente no prefácio à edição de 1963 enfatiza-se o sistemático e persistente movimento de relações verticais entre os três planos, de forma a acentuar a unidade da obra histórica a partir da pluralidade, isto é, em cada nível a mesma realidade apreendida diferentemente. Tal procedimento amplia decididamente os ângulos de ataque ao objeto de estudo. Preserva-se a hegemonia da média duração, dos movimentos históricos situados entre o decenal e o semi-secular, assumidas como o tempo real do historiador por condensar-se na charneira da curta e da longa duração. Momento revelador, exatamente aquele que leva a história a cumprir o seu papel, “o de responder aos angustiantes problemas atuais”

A lição teórica e metodológica que daí se extrai é emblemática. Na dialética espaço-tempo, elege-se o Mediterrâneo por personagem central, uma personagem “complexa, embaraçosa, excepcional, que escapa às nossas medidas e definições”. Tal complexidade exige enquadramentos por parte do historiador: delimitar, definir, analisar, reconstruir, eleger mesmo uma filosofia da história. Deste procedimento emergiria a totalidade do mar; não um minúsculo e específico pedaço de mosaico, pois, do contrário, perdendo-se de vista a globalidade, apegando-se ao contingente, como por exemplo o fausto dos ricos e dos príncipes, perder-se-ia “numa nuvem de futilidade que pouco tem de comum com a

história”. Significativo: o cotidiano pouco tem a ver com a grande história.

Civilização Material e Capitalismo teve o seu primeiro volume, ora denominado *As Estruturas do Cotidiano*, publicado em 1967, como já dissemos. Inscrevia-se numa coleção que se propunha a evocar a história do mundo a partir das grandes correntes de civilizações, um esforço de compreensão dos problemas fundamentais da humanidade. A frente da VI Seção, Braudel dera continuidade as pesquisas preconizadas por Marc Bloch e Lucien Febvre no terreno da vida material e dos comportamentos biológicos, da história da alimentação e da arqueologia das cidades mortas. Portanto, depois de *O Mediterrâneo*, os horizontes da história da cultura material descortinaram-se diante do historiador, espicaçando sua curiosidade em campos insólitos e influenciando decididamente na sua reflexão teórica.

A abrangência de seu livro é ambiciosa. O estudo e a classificação das bases materiais e económicas do século XVI ao XVIII, em escala mundial. No dizer do próprio autor “é um balanço do mundo”. Um estudo dos homens enclausurados pelas condições económicas, aprisionados dentro de fronteiras que marcam o limite do possível e do impossível, no mundo da pré-indústria. O olhar dirige-se para a vida das massas, para as quais a onipresença de uma força inercial toma-se o motor da história. Em decorrência, Braudel procede a um inventário da materialidade histórica na sua cartografia ecuménica e comparativa. Daí emerge um grande painel: os alimentos, as habitações, os utensílios, a aldeia, a cidade, o vestuário, o luxo, os instrumentos monetários.

No frontispício do grande cenário se apresentam os homens. São pouco numerosos ainda, mas seu número duplicou em quatro séculos, exceto pela *débâcle* demográfica pré-colombiana. Amorosidade da vida do homem comum contrasta com o luxo e o esplendor das camadas privilegiadas. Na base mesma da existência humana, a alimentação cria civilizações: do arroz, do milho, dos que se alimentam de carne e pão,

com suas variedades. O contraponto é representado pelo lado sombrio das fomes, pestes, holocausto. O detalhamento do cenário se completa com os pormenores da vida cotidiana, amenizada pelas bebidas, os vinhos, as aguardentes novas, a cerveja, o chá, o chocolate, o café e, no limite, o hábito do tabaco. Emerge a casa, o mobiliário, o vestuário, os hábitos a mesa, contextualizados a sua significação social. Abrindo as cortinas surgem as cidades, os formigueiros humanos e neles o distinguido papel da moeda, nas suas várias gradações, de ouro, de prata, de cobre e sucedâneos.

Avaliando-se a proporcionalidade de cada uma dessas rubricas no livro, a habitação e o vestuário ocupam muito menos espaço do que a alimentação, o que é compreensível pela importância relativa de cada uma ou pela escassez de registros documentais. Uma ausência notável e a terra, o recurso essencial dos homens, *locus* privilegiado do entrecruzamento homem-espaço. Seu esquecimento talvez se explique por ter se constituído no epicentro de sua tese sobre o Mediterrâneo, no cerrado diálogo entre a terra e o mar.

Qual o significado dado por Braudel a esta civilização material? Para ele, a “vida material são homens e coisas, coisas e homens”. Mas recusou-se a fazer digressões sobre o tema, a definir a noção de cultura material, escudado no que considerava a esterilidade das teorias. À falta de um termo mais adequado, chamava vida material ou civilização material “aquela zona espessa, rente ao chão”, “essa infra-economia, esta outra metade informal da atividade económica, a da auto-suficiência, da troca dos produtos e dos serviços num raio muito curto”. Para Braudel, a vida material define-se em termos de um estágio inferior, numa escala na qual o último andar é ocupado pela economia, o domínio por excelência do capitalismo.

Por essa razão o homem é colocado no centro da cena histórica, buscando-se explicitar a repetição de seus gestos e hábitos. “Onipresente

invasora, repetitiva, esta vida material corre sob o signo da rotina: semeia-se o trigo como sempre se semeou; planta-se o milho como sempre foi plantado; preparava-se o solo do arrozal como sempre se preparou; navega-se no mar Vermelho como sempre se navegou”. O ramerrão da vida besta imprime sua marca pois ele é “um passado obstinadamente presente, voraz (e que) devora monotonamente o tempo frágil dos homens”. E não são poucos os homens a esta lei submetidos. Representam entre 80% e 90% dos habitantes em todo o mundo. Por isso, civilização material e civilização económica são companheiras inseparáveis, na medida em que a primeira perturba o andamento da segunda, a contradiz, mas também viabiliza sua explicação. Nesse passo, a influência das idéias de Karl Polanyi sobre o papel das lógicas anti-econômicas no condicionamento dos hábitos económicos, é evidente.

O uso indiscriminado das expressões cultura material ou civilização material poderia encontrar resistência no argumento que remete a noção de civilização a uma globalidade maior, dotada de um sistema de valores e, portanto, de hierarquia. Nestes termos, o conceito de cultura se prestaria mais facilmente à sua utilização plural, falando-se, pois, mais adequadamente de culturas materiais do que de civilizações materiais.

Questão de semântica? Talvez. Provavelmente se poderia sugerir que a noção de cultura material em Braudel desvela significativamente a sombra do marxismo que ronda seu costado. Seu diálogo com Marx é permanente. Paga-lhe um certo tributo na adoção de seu vocabulário, mas não da sua análise que é muito diferente, por ser menos rigorosa no seu pensamento económico. Porém, lembra C. Hill, Braudel retém algo da curiosidade voraz de Marx e sua imensa disponibilidade para relacionar de maneira criativa as idéias à vida material de onde provinham. Na conclusão desse volume pergunta-se: quem possuía os bens de produção, a terra, os barcos, os teares, as matérias-primas os produtos acabados e, além disso, as posições dominantes? E responde, “é Marx quem tem

razão”... “ficamos a seu lado, mesmo se rejeitarmos os exatos termos ou a ordem rigorosa que faria com que toda uma sociedade deslizesse para uma ou para outra destas estruturas”. Mais além, ao refletir sobre o mundo desigual dos homens, conjectura que são “estas injustiças, estas contradições, grandes ou minúsculas, que animam o mundo, o transformam sem cessar nas suas estruturas superiores”.

Lícito pensar, pois, na possibilidade de uma certa colagem da noção de cultura material presente em Braudel à noção que se delinea a partir de 1919, quando Lenin instituiu a *Academia de História da Cultura Material* herdeira das atribuições da *Comissão de Arqueologia* do regime tsarista, sinalizando que o método arqueológico era o meio privilegiado de acesso à história da cultura material: os homens, os instrumentos, os objetos, os alimentos, condição *sine qua non* à apreensão do materialismo histórico. Braudel retém o essencial. Descarta o involucro político. Ameniza a rigidez, mas preserva a dimensão arqueológica da materialidade histórica.

Seu livro, de certa forma, marca o nascimento de um campo específico de estudo da história, o da cultura material, que deixa de ser o objeto exclusivo dos historiadores da arte, da arquitetura ou dos etnólogos. Duas vertentes principais se alinham hoje. A dos historiadores da economia que buscam amplas explicações para grandes temas, tais como o crescimento econômico ou a Revolução Industrial, enfatizando as questões relacionadas com preços, produção, disponibilidade de produtos, diferenças de renda ou nível de poder aquisitivo. Em contraposição, uma linhagem mais sociológica e antropológica enfatiza os temas relacionados com a estrutura social e os padrões culturais, tais como estilo de vida, gosto, moda, inovação, difusão, privacidade, vida doméstica e individualidade. O conjunto destas temáticas tem sido contempladas com seções especiais nos congressos internacionais de história econômica com resultados alentadores, como se pode depreender da leitura de *Ma-*

terial culture: consumption, life-style, standard of living, 1500-1900, Milano, Bocconi, 1994.

O conteúdo da noção de tempo lento foi redimensionado. Sua incorporação não se explica apenas pelo acolhimento de uma dimensão do tempo que não se “quis desprezar”, relegando-a a introduções geográficas de obras históricas sem qualquer vinculação com a natureza do texto. Muda seu estatuto no concerto da obra braudeliana: é a introdução da vida cotidiana nos domínios da historia, entendendo-se a cotidianidade como fatos miúdos que quase não deixam marca no tempo e no espaço, mas que ao se repetirem infinitamente constituem realidades em cadeia, servindo, cada um deles, de testemunho aos demais. Assim, acabam por atravessar “a espessura de tempos silenciosos e duram”. São, para Braudel, a coleção episódica de milhares de *faits divers*, aos quais recusa a categoria de *acontecimentos*, pois isso seria elevar-lhes a importância e perder sua natureza específica. E a poeira da história, uma micro-história cuja expressão, quando captada na longa duração, na longa duração, “traçam as linhas de fuga e o horizonte de todos estes cenários passados. *Introduzem uma ordem, pressupõem equilíbrios, definem permanências*. Em suma, pela sua unicidade, pela sua recorrência, generalizam-se, ou seja, *tornam-se estrutura*.”

Estamos diante de uma inversão. Em 1949 Braudel afirmava que o cotidiano pouco tinha a ver com a grande história. Acentuava a globalidade, desprezava o contingente, afirmando que o gosto dos príncipes nada mais era do que uma nuvem de futilidade que pouco tinha a ver com a história. Em *Civilização Material*, como ele próprio havia anunciado no prefácio da terceira edição de *O Mediterrâneo*, repensa-se a densidade histórica relativa do cotidiano. Os instantâneos surpreendidos em diversas sociedades podem revelar diferenças “nem todas superficiais”. E de uma forma mais peremptória, depois de vaguear pela loucura da história da moda, diz: “É ao longo de pequenos acidentes, de relatos

de viagem que uma sociedade se revela”. O desdobramento natural de tais considerações é o reforço da intersecção temporal, tempos que não apenas interagem, mas constituem uma densa teia de relações, sobrelevando a dimensão da verticalidade em detrimento da horizontalidade dos planos superpostos, acenando para a existência de múltiplas temporalidades. A imagem produzida é a de uma permanente e sistemática incrustação temporal. Mas, significaria essa densificação dos tempos históricos de Braudel, para além do redimensionamento do tempo lento, a perda de hegemonia cognoscitiva dos tempos médios sociais? Pensamos que não.

O segundo volume desta obra, *O Jogo das Trocas*, alça voo em direção aos agrupamentos sociais e as civilizações que estenderam seus limites aos confins do possível. No fundo, um confronto entre a economia e a atividade superior do capitalismo, a passagem “do rés-do-chão ao primeiro andar”. O terceiro volume, *O Tempo do Mundo*, é o que se poderia denominar uma História. O estudo cronológico na sua sucessividade das formas preponderantes da economia internacional. A intenção de Braudel aí é a apreensão da história económica do mundo, entre os séculos XV e XVIII, como uma espécie de superestrutura da história global. Nela, o espaço e o tempo europeu jogam um papel central, modelando os longos períodos da história mundial, levando-se em conta, sobretudo, “as sucessivas experiências da Europa”. Em síntese, Braudel transformou o capitalismo, cuja significação abstrata foi um dos poucos a perceber ao lado de Marx, num “modelo essencial”, quem sabe um tipo ideal, um bom indicador capaz de nortear o mapeamento que nestes três volumes se realizou:”o longo prazo; as divisões da vida económica; as economias-mundo; as flutuações seculares e outras; os feixes de hierarquias sociais misturadas e se misturando, para não dizer da luta de classes; ou o papel insistente e diversificado das diversas minorias dominantes”.

A grande originalidade, portanto, recai sobre o primeiro volume *As Estruturas do Cotidiano*. Nele, sobretudo, a inteligência arguta de Braudel permite-nos colecionar preciosidades que fluem das comparações entre as várias culturas e suas significações, por ele entendidas como o repositório de uma multidão de bens materiais e espirituais, um estado de espírito, um estilo de vida, manifesto na arte, na literatura, na ideologia, na tomada de consciência. Indispensável, nesse passo, cuidar-se contra as armadilhas do texto. Para o leitor incauto ou para resenhistas açodados, pode-se colher na obra de Braudel, pelo seu elevado poder de atração, apenas o sortilégio, como se fora a obra o fruto de uma curiosidade malsã, de um certo *voyerismo* ao sabor da história. Engano. Não se pode transformar a argúcia, a finura criativa do historiador num bazar de exotocidades.

Eis alguns exemplos numa coleta aleatória. Sentar-se no chão com as pernas cruzadas à moda oriental ou em cadeiras, como no Ocidente. Mesas redondas ou bancos no Oriente impedem a definição de precedência social. Mesas retangulares e cadeiras no Ocidente precipitam hierarquias. A disseminação da peste exprime as relações sociais, ataca os pobres e poupa os ricos. Se o homem é aquilo que come, o milho, de fácil colheita, libera o trabalho excedente para as construções monumentais dos estados teocráticos entre os Maias e Astecas. As regressões populacionais do século XIV europeu também ocorreram na China, da mesma forma que a recuperação demográfica do século XVIII. A expressão corporal no gesto da ceifa reproduz-se igualmente, mesmo tendo entre eles séculos de distância. A pimenta cultivada na Europa no século XVI tornou-se um sucedâneo para as especiarias, enquanto a sofisticação da culinária no século XVII incorporou a especiaria persa “esterco do diabo”, de odor *fétido*. O asseio corporal regrediu entre os séculos XV e XVII, enquanto as carruagens e as cadeiras de seda passaram a significar *status* social. Mudanças na moda, uma criação ocidental que

espantava os orientais, exprimiam a busca de linguagem própria a cada geração. Rostos desnudos ou barbados emergem em ciclos. A falta de privacidade nos aposentos, mesmo nos grandes palácios, criava uma certa promiscuidade. E aqueles países, como a Inglaterra e os Países Baixos, localizados fora da área produtora de vinhos, propiciaram a revolução alcoólica do século XVII, vulgarizando o consumo em massa das bebidas etílicas. Da mesma forma, a difusão do consumo de chá, chocolate café, mudaram os hábitos. Surgem os botequins de periferia, tão famosos que tornam seus donos mais conhecidos que Voltaire ou Buffon. O célebre café *Procope*, com uma galeria de frequentadores ilustres, funciona ainda no mesmo lugar, num destacado exemplo de longa duração dos costumes. A Braudel não escapou que o desaparecimento das matilhas de lobos na Inglaterra, séculos antes de sua desapareção na Europa continental, permitiu que as cidades inglesas, especialmente Londres, crescessem além das muralhas e se tornassem espaços modelares na constituição do Reino.

Como se não bastasse, Braudel encontra ainda espaço para a sutileza das sutilezas, o riso na história. Comentando a exploração económica da África pelos europeus, reproduz um ditado comum entre os nativos moçambicanos: se os macacos não falam, é porque temem serem forçados a trabalhar. Ou ainda, considerar uma boa piada a ilação de Leslie White, segundo a qual a vulgarização dos óculos teria ajudado o surto intelectual do Renascimento. O escárnio é penetrante. Talvez que a melhor história nasça do riso.

Da mesma forma que o supérfluo pode atrair os incautos, pode-se ter igualmente a impressão de uma certa facilidade na apreensão da obra. Equívoco. Ilusão fugaz. Ela se desvanece diante do impacto da complexidade das explicações aparentemente simples. Temos a sensação de uma história aberta mas impalpável, que escorre entre os dados do leitor ou de quem tenta apreendê-la numa expressão, num conceito. Sem

linearidade temporal, incerta, retorcida, realiza o convívio da mudança e da permanência sob o mesmo teto. Uma temporalidade intermitente, entremeada de avanços e recuos, que põe e repõe o fato em múltiplas durações, em variados espaços, plenos de vida, que lhe dão a significação histórica. Não é obra de leitura tranquila. Inquieta. Impõe uma certa desobediência ao Braudel pré-concebido de *O Mediterrâneo*. Expressão dessa complexidade e a amenização das certezas, das racionalidades interpretativas que, não raro, se faz por meio da adoção da forma leve, tomada de empréstimo a literatura, na qual rigidez corporativa vira o espartilho corporativo; duplicidade da vida económica uma tocata em dois teclados.

O reforço da dialética passado-presente complexifica a noção de tempo. O presente é em larga medida a presa de um passado que se obstina em sobreviver. O passado, por suas regras, diferenças e semelhanças, e a chave indispensável para a compreensão séria do tempo presente. O tempo, por sua vez, é um conceito vazio sem seus pertences. Mas ele só não cria seu conteúdo. É preciso dar-lhe uma forma, uma realidade. Portanto, como já observou J.C. Perrot (*Annales*, nº 1, 1981), há em Braudel uma forte aderência das sociedades ao seu tempo, reforçando o papel da cronologia no engastalhamento dos dados no eixo do tempo, sem aderir, contudo, à ilusão positivista de que a cronologia fina refina o conhecimento histórico. Assim, a poeira da história incessantemente repetida cria uma realidade e nos faz viver a cada instante no tempo curto e no tempo longo, uma heterogeneidade que se impõe como um dado imediato, que tira sua complexidade da sua longevidade e obriga ao historiador o manejo cuidadoso da descontinuidade. “A duração não existe como dado nas sociedades, existe como problema”. A duração é um movimento pelo qual “as sociedades selecionam, a cada instante do presente, o estoque de suas experiências, autorizando o retomo às técnicas e aos gestos da produção, permitindo ao passado estar novamente e

plenamente lá”. É o realismo temporal de Braudel.

Constatar a sofisticação do arcabouço interpretativo de Braudel é um passo. O segundo é tentar entender o porquê. Uma das motivações foi a crise de 1973-1974, que estimulou a proliferação de uma forma moderna de economia, “um amplo rés-do-chão” que representaria de 30% a 40% das atividades económicas dos países industrializados. E a economia fora do mercado e do controle do Estado, “da fraude, da troca de bens e serviços, do trabalho clandestino, das atividades do lar”, que Braudel assimila a cultura material. Há aqui, portanto, uma forte indução do presente sobre o passado. Mas, esta hipótese explicativa, inclusa no próprio texto do autor, não exaure a questão.

A segunda hipótese explicativa remete-nos à teoria e ao tempo. Poderia Braudel ter permanecido imune, insensível, as fortes críticas que os seus paradigmas historiográficos vinham sofrendo por parte dos novos historiadores? De fato, um novo cânon historiográfico se punha diante dos historiadores já em 1971, quando Pierre Nora anunciou a publicação da nova coleção *La bibliothèque des histoires*, uma antítese de *Destins du Monde*. Postulava-se a implosão da grande história, a extensão ao mundo da consciência histórica que tinha sido privilégio da Europa. Novos métodos, novos recortes do passado e novos objetos, em suma, uma drástica inflexão epistemológica consolidada na publicação, em 1974, de *Faire de l'histoire* e concretamente realizada no livro de Le Roy Ladurie, *Montaillou*, publicado em 1975.

O modelo deixava de ser *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico* para o cotidiano de uma pequena cidade medieval francesa, num curto espaço de trinta anos. Era a micro no lugar da macro história, a ênfase na dimensão descritiva do arquivo, a busca da alteridade no interior da própria civilização ocidental, nas profundezas do passado, reorientando a sensibilidade histórica para os domínios da cultura e do estudo das mentalidades. Privilegiava-se a dimensão litúrgica das sociedades histó-

ricas, o recorrimento à diferenciação de tempos, destacando o papel dos fenômenos tradicionais somente apreensíveis na longa duração. Este é o tempo privilegiado dos novos historiadores que descartam o conteúdo explicativo dos tempos médios, sociais, estruturais, em favor do tempo curto, do cotidiano, remetido sistematicamente à longa duração.

Braudel acusou o golpe. A flexibilização de seu esquema interpretativo e, sobretudo, o reforço da intersecção temporal aliado ao novo *status* assinalado ao cotidiano, o revelam. Mas a rendição não foi total. Em última análise, *Civilização Material e Capitalismo*, redimensiona o papel da curta e da longa duração, mas continua a por nos tempos médios a responsabilidade pela inteligibilidade da realidade histórica.

A terceira vertente explicativa remete a temporalidade contemporânea, cujo impacto atingiu Braudel, da mesma forma que atingira os senhores da *Nouvelle Histoire*. Recuperemos a ambientação histórica que viu nascer *O Mediterrâneo*. Um mundo marcado pelos totalitarismos, regimes fortes, à esquerda ou à direita, todos eles homogeneizadores, contrários às diferenças, edificadores de uma grande explicação racional, de uma vasta racionalidade histórica. Este era o mundo de Braudel, jovem professor, pesquisador, soldado e militante da história. Seus paradigmas não poderiam ficar imunes ao tempo. Seu modelo interpretativo encontrava a ressonância nas amplas racionalidades. Seus tempos entrecruzavam-se numa ossatura rígida. Mas as totalidades ruíram. O nazismo, o fascismo, o estalinismo, o imperialismo, o colonialismo e junto, a razão iluminista. Ao mesmo tempo, a expansão dos *mass media* exibia ao mundo a multiplicidade de culturas e sub-culturas, a pluralidade irrefreável, quase compulsiva e que impossibilitava a apreensão da história do mundo a partir de pontos unitários. Rompida a idéia de uma racionalidade central, multiplicavam-se as racionalidades, as minorias étnicas, sexuais, religiosas, estéticas, transformando os domínios da história num espaço de dispersão.

Sob o império da historia presente e da linhagem historiográfica que lhe é tributária, Braudel mudou. Mas, como já se disse, preservou o conteúdo explicativo, compreensivo, alicerçado na média duração. Uma especial sensibilidade para o novo tempo. Aquele no qual a globalização cria uma nova homogeneização histórica, mas contempla o diverso, preserva-o e dele se alimenta. De novo, o pontual inscreve-se numa ecuménica racionalidade que impõe o retomo da historicidade e do sentido da história, ensejando um novo império da história.

Referência Bibliográficas

- Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, (1a. edição 1949). Trad. porto., da 4a. edição (1967), Martins Fontes, São Paulo, 1983, 2 vols.
- Civilização Material e Capitalismo*, (1a. edição 1967). Trad. port., Edições Cosmos, Lisboa, 1970, 1 vol.
- *L'identité de la France*, Arthaud-Flammarion, Paris, 1986, 3 vols.
- *Mélanges en l'Honneur de F. Braudel*, Privat, Toulouse, 1973, 2 vols.
- *Une Leçon d'Histoire de Fernand Braudel*, Journées Fernand Braudei de Châteauevallon. Arthaud-Flammarion, Paris, 1986.
- Christopher Hill, *Civilisation Matérielle et Capitalisme*, resenha *History and Theory*, n° 2, 1969, pp. 301-303.
- J. C. Perrot, “Le Présent et la Durée dans l’Oeuvre de Fernand Braudel”, *Annales*, n° 1, 1981, pp. 3-15.
- Anton J. Schuurman, and Lorena S. Walsh, *Material culture: consumption, life-style, standard of living, 1500-1900*, editores, Université Bocconi, 1994, Milano.